



Renováveis custariam a metade de uma nuclear

Para professor da USP, potencial das renováveis, com apoio de hidrelétricas, daria o triplo da geração necessária para a demanda futura

Por **Matheus Gagliano** Última atualização em 6/02/2019

Em vez de apostar no avanço de usinas nucleares, o Brasil deveria buscar a ampliação do uso das energias renováveis, como eólica e solar, tendo as hidrelétricas como apoio para a intermitências das primeiras. O custo seria a metade do necessário para a conclusão de Angra 3, afirma o professor Ildo Sauer, diretor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP.

Para concluir Angra 3, o montante de recursos necessários seria de aproximadamente R\$ 15 bilhões. Já os investimentos no aproveitamento do potencial eólico e solar, com o apoio hidráulico, segundo o especialista, seria em torno de R\$ 6 bilhões a R\$ 8 bilhões, ou seja, cerca de 50% menor. Há ainda a

possibilidade de usinas offshore, que são mais caras, porém, podem ser consideradas um potencial disponível. Também entram nessa conta as grandes UHEs com reservatório, usinas a fio d'água e as PCHs.

O professor lembra que, há dois anos, o potencial eólico era em torno de 300 mil MW e, hoje, a estimativa é que pode chegar a 500 mil MW. Somado a esse potencial, há ainda os 260 mil MW de capacidade instalada das hidrelétricas, o que daria um total de 760 mil MW, capacidade suficiente para gerar energia de 3,5 mil TWh a 4 mil TWh – quase o triplo do que será necessário para os próximos anos (em torno de 1,2 mil TWh a 1,3 mil TWh por ano) -, projetou Sauer.

No último dia 22/1, o governo divulgou a intenção de construir de quatro a oito usinas nucleares no país e defendeu a conclusão da obra de Angra 3 ao levar em conta os investimentos em energia que precisarão ser feitos para atender ao aumento da demanda e ao esgotamento do potencial hidrelétrico do país.

Prioridade para Angra 3

Para o presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben), Claudio Almeida, as fontes renováveis – eólica e solar – não terão como prover toda a energia que será necessária para atender à demanda, ao contrário da nuclear, que tem potencial para oferecer uma energia firme. Entretanto, o executivo destaca que a prioridade do governo deve ser a conclusão de Angra 3, antes de pensar na construção de novas usinas. O grande desafio é definir um modelo de financiamento para a conclusão da unidade.

Isto porque, caso a terceira usina brasileira não consiga se viabilizar, não haverá ambiente econômico e político suficiente para dar base a um planejamento de construção de novas nucleares. Terminando Angra 3, outras usinas poderão ser viabilizadas, como as unidades nucleares no Nordeste, que chegaram a ser discutidas há alguns anos no setor e interrompidas com o acidente de Fukushima, no Japão, em 2011, além das investigações da operação Lava Jato.

Cunha reforça ainda que o setor nuclear precisa ter continuidade de forma a atrair recursos e dar previsibilidade aos negócios e cita as dificuldades no licenciamento de novas usinas hídricas reforçam a necessidade de aporte de recursos para o desenvolvimento da fonte nuclear. Para ele, a matriz brasileira comporta qualquer tipo de fonte e todas podem dar sua contribuição.

[Aben](#)[Angra 3](#)[Nuclear](#)[renováveis](#)[USP](#)